

0  
PRÍNCIPE  
LIVRO 1  
CRUEL

AUTORA SENSACÃO DA FANTASIA YA  
HOLLY BLACK

SECRET  
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso

Álcool e drogas

Bullying

Escravidão

Luto e perda

Morte

Rapto

Sangue e cenas gráficas

Suicídio

Tortura

*Para Cassandra Clare,  
que foi finalmente atraída até à Terra das Fadas*



Floresta Torta

Palácio  
de  
Elfhame

Bosque  
Lácteo

INSMIRE

Lago  
das  
Máscaras

Fortaleza  
de  
Madoc



Mapa das Ilhas Inconstantes de

# ELFHAME

Mansão de Locke

INSMOOR

Torre  
do  
Esquecimento

INSWEAL

Solar Oco





# *Livro Um*

*Crianças nascidas com sangue de fada  
Nunca precisam de camisa nem nada,  
Nunca lhes falta o que comer,  
Têm sempre o que lhes apeteecer:  
Bolsos de ouro a abarrotar,  
e aos sete anos estão a casar.  
Cada filho de fada terá como adquirido  
Dez ovelhas e um par de cavalos aguerrido;  
Têm casas de bom gabarito,  
Feitas de tijolo ou de robusto granito;  
Vivem de cerejas, correm desvairadas...  
Oh, como queria ser filho das fadas!*

Robert Graves  
*Como Queria Ser Filho das Fadas*



**N**uma sonolenta tarde de domingo, um homem com um longo sobretudo escuro hesitou diante de uma casa, numa rua ladeada de árvores. Não tinha carro estacionado, nem tinha vindo de táxi. Nenhum vizinho o viu caminhar pelo passeio. Limitou-se a aparecer, como se passasse entre uma sombra e a seguinte.

O homem aproximou-se da entrada e ergueu o punho para bater à porta.

Dentro da casa, Jude estava sentada no tapete da sala a comer douradinhos moles, aquecidos no micro-ondas, e arrastados por uma poça de ketchup. A sua irmã gémea, Taryn, dormitava no sofá, encolhida debaixo de um cobertor, de polegar enfiado na boca manchada de ponche de fruta. Na outra ponta do sofá, a irmã mais velha, Vivienne, olhava fixamente para o televisor, os olhos assustadores, de pupilas alongadas, fixos no desenho animado em que o rato fugia do gato. Riu-se quando parecia que o rato estava prestes a ser comido.

Vivi era diferente das outras irmãs mais velhas, mas como Jude e Taryn, de 7 anos, eram idênticas, com o mesmo cabelo





castanho despenteado e as mesmas caras em forma de coração, também elas eram diferentes. Os olhos de Vivi e as pontas das orelhas ligeiramente peludas eram, para Jude, tão normais como ser o reflexo de outra pessoa no espelho.

E se, por vezes, reparava na forma como os miúdos da vizinhança evitavam Vivi, ou como os seus pais falavam sobre ela em voz baixa, Jude não considerava que fosse importante. Os adultos andavam sempre preocupados, sempre a sussurrar.

Taryn bocejou e espreguiçou-se, pressionando a bochecha contra o joelho de Vivi.

Lá fora, o sol brilhava, aquecendo o asfalto da entrada. Motores de corta-relva zumbiam e crianças chapinhavam em piscinas nas traseiras das casas. O pai estava no anexo, onde tinha uma forja. A mãe estava na cozinha a fazer hambúrgueres. Tudo era aborrecido. Tudo estava bem.

Quando ouviram bater, Jude saltou para abrir a porta. Tinha esperança de que fosse uma das raparigas do outro lado da rua, a convidá-la para jogar videojogos ou para um mergulho depois de jantar.

O homem alto estava na entrada, a olhar para ela com cara de poucos amigos. Vestia um sobretudo de couro castanho, apesar do calor. Os seus sapatos tinham biqueira de prata e produziram um som oco quando entrou. Jude ergueu o olhar para a sua cara sombria e estremeceu.

— Mãe — gritou. — Mãeeeeeeeeeeeeee, está aqui alguém.

A sua mãe veio da cozinha, limpando as mãos molhadas às calças de ganga. Quando viu o homem, empalideceu.

— Vai para o teu quarto — disse ela a Jude, com uma voz assustadora. — Já!

— De quem é esta criança? — perguntou o homem, apontando para Jude. A sua voz tinha um sotaque peculiar. — Tua filha? Dele?

— De ninguém. — A mãe nem sequer olhou para Jude. — Não é filha de ninguém.





Aquilo não estava certo. Jude e Taryn eram iguaizinhas ao seu pai. Todos diziam o mesmo. Deu alguns passos em direção às escadas, mas não queria ficar sozinha no seu quarto. *Vivi*, pensou Jude. *A Vivi saberá quem é o homem alto. A Vivi saberá o que fazer.*

Mas Jude parecia não conseguir forçar-se a mover os pés.

— Vi muitas coisas impossíveis — disse o homem. — Vi o ovo antes da galinha. Vi o fumo antes do fogo. Mas nunca vi nada assim: uma mulher morta que vive. Uma criança nascida do nada.

A mãe pareceu não saber o que dizer. O seu corpo vibrava com tensão. Jude quis pegar-lhe na mão e apertá-la, mas não se atreveu.

— Duvidei de Balekin quando ele me disse que te encontraria aqui — disse o homem, com uma voz mais meiga. — Os ossos de uma mulher terrena e da sua criança por nascer, nos escombros queimados da minha propriedade, eram convincentes. Sabes como foi regressar da batalha e encontrar a minha mulher morta, juntamente com a minha única herdeira? Encontrar a minha vida reduzida a cinzas?

A mãe abanou a cabeça, não em resposta, mas como se tentasse libertar-se das palavras.

O homem deu um passo na sua direção e ela recuou um passo. Havia algo errado na perna dele. Movia-se com rigidez, como se lhe provocasse dor. A luz era diferente na entrada e Jude conseguia ver a estranha tonalidade verde da sua pele, e a forma como os dentes inferiores pareciam demasiado grandes para a sua boca.

Viu que os olhos dele eram iguais aos de *Vivi*.

— Nunca seria feliz contigo — disse-lhe a mãe. — O teu mundo não é para gente como eu.

O homem alto olhou-a durante um longo momento.

— Proferiste votos — disse, por fim.

A mãe ergueu o queixo.

— E depois renunciei-os.

O olhar dele virou-se para Jude e a sua expressão endureceu.



— Que vale uma promessa de uma esposa mortal? Devo ter encontrado a minha resposta.

A mãe virou-se. Percebendo o seu olhar, Jude correu para a sala.

Taryn ainda dormia. A televisão continuava ligada. Vivienne ergueu os seus olhos de gato semicerrados.

— Quem é? — perguntou. — Ouvi discutir.

— Um homem assustador — disse-lhe Jude sem fôlego, apesar de mal ter corrido. O seu coração estava acelerado. — Devíamos ir para cima.

Não importava que a sua mãe lhe tivesse ordenado só *a ela* para subir. Não iria sozinha. Com um suspiro, Vivi levantou-se do sofá e abanou Taryn para a acordar. Sonolenta, a gémea de Jude seguiu as duas irmãs para o corredor.

Enquanto se dirigiam para os degraus atapetados, Jude viu o seu pai entrar, vindo do jardim das traseiras. Trazia um machado na mão, forjado como réplica quase perfeita do modelo que tinha estudado num museu na Islândia. Não era estranho ver o pai com um machado. Ele e os seus amigos gostavam de armas antigas e passavam muito tempo a falar sobre «cultura material» e a esboçar ideias para lâminas fantásticas. Estranha era a forma como segurava a arma, como se quisesse...

O seu pai moveu o machado na direção do homem.

Nunca tinha erguido uma única mão para disciplinar Jude ou as suas irmãs, mesmo quando se metiam em grandes sarilhos. Não fazia mal a ninguém. Não conseguia.

E, no entanto. No entanto...

O machado passou pelo homem alto, cravando-se no batente de madeira da porta.

Taryn produziu um uivo estranho e agudo, cobrindo a boca com as mãos.

O homem puxou por uma lâmina curva escondida no sobretudo de couro. Uma *espada*, como as dos livros de histórias. O pai tentava libertar o machado da porta, quando o homem lhe



cravou a espada no estômago, empurrando-a para cima. Ouviu-se um som, como paus a estalarem, e um grito animalesco. O pai caiu sobre a tapete da entrada, aquela que fazia sempre a mãe gritar quando a pisavam com os pés cheios de lama.

A tapete que estava a ficar vermelha.

A mãe gritou. Jude gritou. Taryn e Vivi gritaram. Todos pareciam gritar, exceto o homem alto.

— Vem cá — disse ele, olhando diretamente para Vivi.

— S-seu monstro — gritou a mãe delas, dirigindo-se para a cozinha. — Ele está morto!

— Não fujas de mim — disse-lhe o homem. — Não depois do que fizeste. Se voltares a fugir, juro que...

Mas a mãe fugiu. Estava quase a dobrar a esquina, quando a lâmina dele a atingiu nas costas. Caiu sobre o linóleo e os seus braços em queda derrubaram os ímanes do frigorífico.

O cheiro a sangue fresco era intenso, fazendo lembrar metal molhado e quente. Como aqueles esfregões de arame que a mãe usava para limpar os restos queimados da frigideira.

Jude correu para o homem, golpeando-lhe o peito com os punhos e pontapeando-lhe as pernas. Nem sequer tinha medo. Nem sequer sabia ao certo se sentia alguma coisa.

O homem não lhe deu qualquer importância. Por um longo momento, deixou-se ficar onde estava, como se lhe custasse acreditar no que tinha feito. Como se desejasse poder anular os últimos cinco minutos. A seguir, pousou um joelho no chão e segurou Jude pelos ombros. Segurou-lhe os braços contra o tronco, para que ela não conseguisse voltar a bater-lhe, mas nem sequer a olhava.

Os seus olhos fixavam-se em Vivienne.

— Foste-me roubada — disse-lhe. — Vim levar-te para o teu verdadeiro lar, em Elfhame, sob a colina. Aí, terás riqueza incalculável. Aí, estarás com os teus.

— Não — disse-lhe Vivi, com a sua voz baixa e sombria. — Não vou a lado nenhum contigo.



— Sou o teu pai — disse-lhe ele, com uma voz severa que subia de tom como o som de uma chicotada. — És a minha herdeira e sangue do meu sangue. Obedecer-me-ás nisto e em tudo o resto.

Ela não se moveu, mas a determinação foi visível no seu maxilar.

— Não és o pai dela — gritou Jude ao homem. Mesmo que tivessem os dois os mesmos olhos, recusava-se a acreditar.

As mãos dele apertaram-lhe os ombros com mais força, o que a fez libertar um pequeno guincho comprimido, mas sem quebrar a intensidade desafiadora do seu olhar. Tinha vencido vários duelos do jogo do sério.

Foi ele o primeiro a afastar os olhos, virando-se para Taryn, que estava de joelhos a chorar e a sacudir a mãe, como se tentasse acordá-la. A mãe não se mexeu. A mãe e o pai estavam mortos. Não voltariam a mover-se.

— Odeio-te — proclamou Vivi ao homem alto, com uma ferocidade que agradou a Jude. — Sempre te odiarei. Juro-o.

A expressão fria do homem não se alterou.

— Mesmo assim, virás comigo. Prepara estas pequenas humanas. Pouca bagagem. Partimos antes do anoitecer.

Vivienne ergueu o queixo.

— Deixa-as em paz. Se tiver de ser, leva-me a mim. Mas não a elas.

O homem olhou fixamente para Vivi e fungou.

— Protegerias as tuas irmãs de mim, não? Diz-me. Para onde desejas que vão?

Vivi não respondeu. Não tinham avós nem parentes vivos. Pelo menos, que soubessem.

O homem voltou a olhar para Jude, soltou-lhe os ombros e levantou-se.

— São a prole da minha mulher e, como tal, minha responsabilidade. Posso ser cruel, um monstro e um assassino, mas não me esquivo às minhas responsabilidades. Como tu não deverás esquivar-te às tuas, enquanto mais velha.





Anos depois, quando Jude contou a si mesma o que tinha acontecido, não conseguia recordar o momento em que fizeram as malas. O choque parecia ter apagado por inteiro essa hora. Mas, de alguma forma, Vivi acabara por encontrar as malas e enche-las com os seus livros ilustrados preferidos e os brinquedos de que mais gostavam, juntamente com fotografias, pijamas, casacos e camisas.

Ou talvez Jude tivesse feito a sua própria mala. Nunca percebeu ao certo.

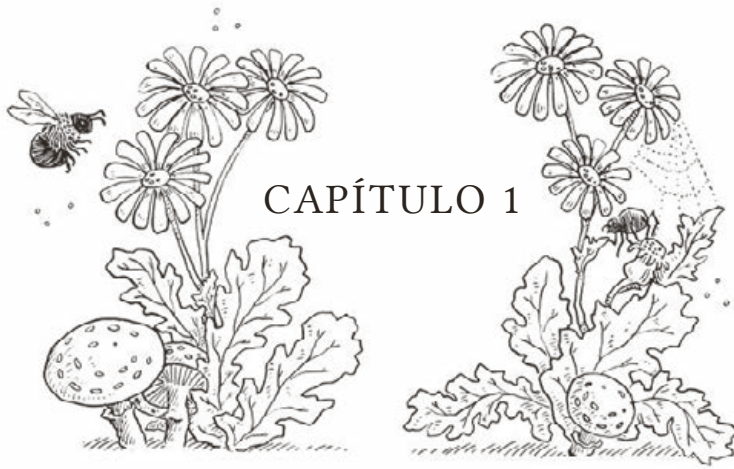
Não conseguia imaginar como o tinham conseguido, com os cadáveres dos seus pais a arrefecerem no andar de baixo. Não conseguia imaginar o que tinha sentido e, com o passar dos anos, não conseguiu forçar-se a voltar a senti-lo. O horror dos homicídios esbateu-se com o tempo. As suas memórias daquele dia tornaram-se confusas.

Um cavalo negro mordiscava a relva quando saíram. Os seus olhos eram grandes e meigos. Jude quis abraçar-lhe o pescoço e encostar a cara húmida contra a sua crina sedosa. Antes de poder fazê-lo, o homem alto sentou-as, a ela e a Taryn, sobre a sela, tratando-as mais como bagagem do que como crianças. Sentou Vivi atrás de si.

— Segurem-se — disse.

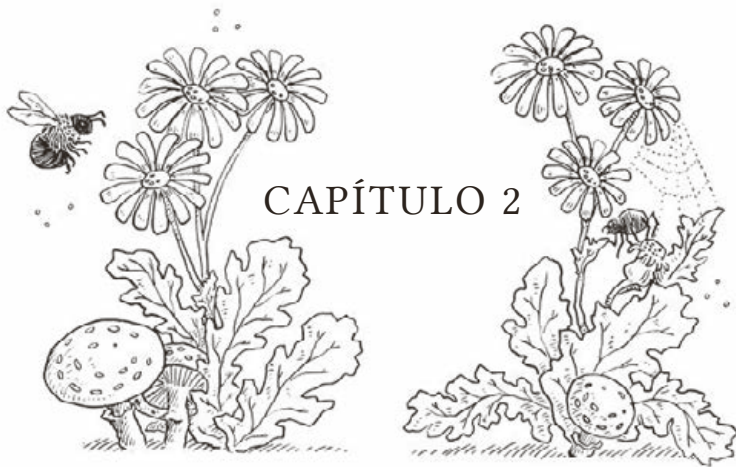
Jude e as suas irmãs choraram todo o caminho até à Terra das Fadas.





**N**a Terra das Fadas, não há douradinhos, ketchup ou televisão.





Sento-me numa almofada enquanto uma diabrete me entrança o cabelo para mo afastar da cara. Os seus dedos são compridos e as unhas afiadas. Estremeço. Os seus olhos negros encontram os meus no reflexo do espelho com pés que está sobre o meu toucador.

— Faltam ainda quatro noites para o torneio — diz a criatura. Chama-se Tatterfell e é serva da casa de Madoc, ali presa até saldar com o seu trabalho a dívida que tem para com ele. Cuidou de mim desde pequena. Foi Tatterfell quem besuntou os meus olhos com unguento ardente de fada para me conceder Visão Verdadeira, e assim conseguir ver além da maioria das ilusões, quem me limpou a lama das botas e quem enfiou bagas de sorveira secas num fio para usar ao pescoço, e conseguir resistir aos encantamentos. Limpou-me o nariz ranhoso e lembrou-me de usar as meias do avesso para nunca me perder na floresta. — Por mais que queiras, não conseguirás fazer a lua levantar-se e pôr-se mais depressa. Tenta honrar com glória a casa do general, esta noite, apresentando-te tão vistosa quanto conseguirmos tornar-te.



Suspiro.

Nunca teve grande paciência com a minha teimosia.

— É uma honra dançar com a Corte do Rei Altíssimo debaixo da colina.

Os servos apreciam demasiado recordar-me a sorte que tenho, a filha bastarda de uma esposa infiel, uma humana sem qualquer gota de sangue de fada, a ser tratada como uma filha legítima de Faerie. Dizem a mesma coisa a Taryn.

Sei que é uma honra ser criada juntamente com os filhos da nobreza. Uma honra aterradora de que nunca conseguirei ser digna.

É impossível esquecê-lo com todas as vezes que mo recordam.

— Sim — digo, no entanto, por ela estar a tentar ser bondosa. — É ótimo.

As fadas não conseguem mentir. Por isso, tendem a concentrar-se nas palavras e a ignorar o tom, especialmente se não tiverem vivido entre os humanos. Tatterfell acena-me com a cabeça em aprovação. Os seus olhos são duas pedras gémeas de azeviche, não se vendo pupila ou íris.

— Talvez alguém peça a tua mão e passes a ser membro permanente da Altíssima Corte.

— Prefiro conquistar o meu lugar — digo-lhe.

A diabrete hesita e prende um gancho de cabelo entre os dedos, provavelmente pensando em espetar-me com ele.

— Não sejas tola.

É inútil discutir. É inútil recordar-lhe o desastroso casamento da minha mãe. Há duas formas de os mortais se tornarem membros permanentes da Corte: pelo casamento ou aperfeiçoando algum grande talento — em metalurgia, no alaúde ou algo assim. Sem interesse pela primeira, restava-me esperar ter talento suficiente para a segunda.

Ela acaba de me entrançar o cabelo num estilo elaborado que me faz parecer ter cornos. Veste-me um veludo cor de safira. Nada disso disfarça o que sou: humana.





— Dei três nós para dar sorte — diz a pequena fada com alguma benevolência.

Suspiro enquanto a vejo dirigir-se para a porta, e levanto-me do toucador para me deitar de bruços na minha cama coberta por uma tapeçaria. Estou habituada a ter criadas a servirem-me. Diabretes e gnomos, duendes e silfos. Asas translúcidas e unhas verdes, chifres e dentes afiados. Estou há dez anos em Faerie. Já nada daquilo me parece estranho. Ali, sou eu a estranha, com os meus dedos rombos, orelhas redondas e vida efémera.

Dez anos é muito tempo para um humano.

Depois de Madoc nos ter raptado, trouxe-nos para a sua propriedade em Insmire, a Ilha do Poder, onde o Rei Altíssimo de Elfhame tem a sua fortaleza. Foi aí que Madoc nos criou — a mim, a Vivienne e a Taryn —, obrigado pela honra. Mesmo que Taryn e eu sejamos prova da traição da mãe, os costumes de Faerie ditam que, como filhos da sua mulher, somos problema seu.

Como general do Rei Altíssimo, Madoc ausentava-se durante muito tempo, combatendo pela coroa. Mesmo assim, cuidavam bem de nós. Dormíamos em colchões recheados com flores macias de dente-de-leão. Era Madoc quem nos instruía na arte do combate com alfange e adaga, com bracamarte e com os punhos. Jogava Morris de Nove, Fidchell e Raposa e Ganso connosco, diante da fogueira. Deixava que nos sentássemos no seu joelho e comêssemos do seu prato.

Em muitas noites, eu adormecia com o som da sua voz durante a leitura de um livro de estratégia militar. E, contra a minha vontade, apesar do que ele tinha feito e do que era, aprendi a amá-lo. E amo-o.

Mas não é um tipo de amor confortável.

— Belas tranças — diz Taryn, entrando apressadamente no meu quarto. Está vestida de veludo carmesim. Tem o cabelo solto e os longos caracóis castanhos voam atrás dela como um toucado, com algumas madeixas entrançadas com fio de prata reluzente. Salta para a cama a meu lado, desarrumando a minha pequena



pilha de animais de peluche gastos — um coala, uma cobra, um gato preto —, todos amados pela criança de 7 anos que fui. Não consigo convencer-me a deitar fora qualquer uma das minhas relíquias.

Sento-me e vejo-me ao espelho, insegura.



— Gosto delas.

— Tenho uma premonição — diz Taryn, surpreendendo-me.

— Vamos divertir-nos esta noite.

— Divertir-nos? — Imaginava-me a franzir a cara à multidão, do nosso habitual esconderijo, pensando se me sairia suficientemente bem no torneio para impressionar a família real ao ponto de me concederem um título de cavaleira. Pensar nisso era suficiente para me deixar ansiosa e, no entanto, era algo que me ocupava constantemente a cabeça. O meu polegar roçou a ponta que faltava ao meu dedo anelar. Era o meu tique nervoso.

— Sim — diz ela, dando-me uma cotovelada no flanco.

— Ei! Au! — Afasto-me dela. — Em que consiste o teu plano?

— Na maior parte das vezes, quando íamos à Corte, escondíamo-nos. Vimos algumas coisas interessantes, mas à distância.

Ela ergue as mãos.

— Como? Queres saber em que consiste a diversão? É diversão!

Deixo escapar um riso nervoso.

— Não fazes ideia, pois não? Ótimo. Vejamos se tens dons de profecia.

Estávamos a crescer e as coisas a mudar. Nós estávamos a mudar. E, por mais que o desejasse, também o temia.

Taryn levanta-se da cama e estica um braço, como se fosse o meu par para uma dança. Permito-me ser levada para fora do quarto, com a minha mão assegurando automaticamente que a minha faca continua presa à minha anca.

O interior da casa de Madoc é de gesso caído com inúmeras traves de madeira tosca. As vidraças das janelas são tingidas de cinzento como fumo aprisionado, tornando a luz estranha. Quando Taryn e eu descemos as escadas em espiral, avisto Vivi



escondida numa pequena varanda, franzindo a testa enquanto lê uma revista de banda desenhada roubada ao mundo humano.

Vivi sorri-me. Veste calças de ganga e uma camisa folgada — obviamente, sem pretender participar nos festejos. Como filha legítima de Madoc, não sente qualquer pressão para lhe agradar. Faz o que lhe apetece. Incluindo ler revistas que poderão ter as páginas unidas com agrafos de ferro em vez de cola, sem se importar que os dedos fiquem queimados.

— Vão a algum lado? — A pergunta surge das sombras, de mansinho, sobressaltando Taryn.

Vivi sabe perfeitamente aonde vamos.

Quando viemos para aqui, Taryn, Vivi e eu encolhíamo-nos na grande cama de Vivi e falávamos sobre o que nos lembrávamos de casa. Sobre as refeições que a mãe queimava e sobre as pipocas que o pai fazia. Recordávamos os nomes dos nossos vizinhos, os cheiros da casa, como era a escola, as férias, o sabor da cobertura dos bolos de aniversário. Falávamos sobre os programas que víamos, repetindo os enredos, recordando os diálogos até as nossas memórias ficarem polidas e falsas.

Já não nos encolhemos na cama nem recordamos nada. Todas as nossas novas recordações são deste sítio e Vivi tem apenas um interesse passageiro por elas.

Tinha jurado odiar Madoc e respeitava essa jura. Quando Vivi não estava perdida em memórias sobre a nossa casa, tornava-se um terror. Partia coisas. Gritava, enfurecia-se e beliscava-nos quando nos mostrávamos satisfeitas. Acabou por parar com tudo aquilo, mas acredito que uma parte dela nos odeia por nos termos adaptado. Por aproveitarmos o que temos. Por tornarmos aquilo o nosso lar.

— Devias vir — digo-lhe. — A Taryn está estranha.

Vivi olha-a, intrigada, e abana a cabeça.

— Tenho outros planos. — O que significava que ou se esgueiraria para o mundo mortal durante a noite, ou ficaria na varanda a ler.



De uma maneira ou de outra, se incomodar Madoc, agrada a Vivi.

Ele espera-nos no salão com a sua segunda mulher, Oriana. A pele dela tem a cor azulada do leite magro e o seu cabelo é branco como neve acabada de cair. É bela, mas a sua beleza é perturbadora, como se fosse um fantasma. Naquela noite, veste verde e ouro, um vestido que faz lembrar musgo, com uma gola complicada e brilhante que realça o rosado da sua boca, das suas orelhas e dos seus olhos. Madoc veste-se também de verde, a cor das florestas profundas. A espada que lhe pende da cintura não é um ornamento.

Lá fora, passando as portas duplas, aguarda um gnomo, erguendo as rédeas prateadas de cinco montadas faerie malhadas, com as crinas entrançadas em nós complicados e, provavelmente, mágicos. Penso nos nós do meu cabelo e em quão semelhantes são.

— Parecem-me ambas bem — diz Madoc, dirigindo-se a mim e a Taryn. O carinho na sua voz transforma as palavras num raro elogio. O seu olhar move-se para as escadas. — A vossa irmã vem a caminho?

— Não sei onde está a Vivi — minto. Mentir é tão fácil ali. Posso fazê-lo o dia inteiro sem ser apanhada. — Talvez se tenha esquecido.

A desilusão marca as feições de Madoc, mas a surpresa não. Dirige-se lá para fora para dizer qualquer coisa ao gnomo que segura as rédeas. Por perto, vejo um dos seus espíões, uma criatura enrugada com um nariz como uma pastinaca e uma corcunda mais alta do que a cabeça. Passa-lhe uma mensagem escrita para a mão e afasta-se com surpreendente agilidade.

Oriana olha com cuidado, como se esperasse ver algo errado.

— Tenham cuidado esta noite — diz Oriana. — Prometam-me que não comem, bebem ou dançam.

— Não é a primeira vez que vamos à Corte — recordo-lhe. Dificilmente uma resposta poderia ser mais vazia de sentido e típica das fadas.





— Podem achar que o sal é proteção suficiente, mas vocês, crianças, são esquecidas. É melhor que não o façam. Quanto à dança, uma vez começando, vocês, mortais, dançam até à morte se não vos impedirmos.

Olho para os pés e não digo nada.

Nós, crianças, não somos esquecidas.

Madoc casou com ela há sete anos e, pouco depois, deu-lhe um filho, um rapaz enfermiço chamado Oak, com minúsculos e adoráveis chifres na cabeça. Sempre foi evidente que Oriana nos tolera apenas para agradar a Madoc. Parece que nos vê como os cães preferidos do seu marido: mal treinados e com hipóteses de se voltarem contra o seu mestre a qualquer momento.

Oak considera-nos irmãs, o que sei que deixa Oriana nervosa, mesmo que eu jamais fizesse algo para o magoar.

— Estão sob proteção do Madoc, e ele é o favorito do Rei Altíssimo — diz Oriana. — Não permitirei que o Madoc pareça tolo pelos vossos erros.

Terminado aquele pequeno discurso, sai para junto dos cavalos. Um deles grunhe e golpeia o chão com um casco.

Taryn e eu olhamo-nos antes de a seguirmos. Madoc está já sentado sobre a maior das montadas faerie, uma criatura impressionante com uma cicatriz sob um olho. As suas narinas inflam com impaciência. Agita a crina, inquieto.

Monto um cavalo verde pálido com dentes afiados e um odor pantanoso. Taryn escolhe um cavalo de passeio e golpeia-lhe os flancos com os calcanhares. Parte disparada e eu sigo-a, embrenhando-me na noite.



NOMEADO  
PRÉMIO  
GOODREADS

AFIA A TUA LÂMINA.  
PROTEGE O TEU CORAÇÃO.  
ATREVE-TE A DESCOBRIR FAERIE.



Passaram dez anos desde que Jude foi raptada pelo assassino dos seus pais e levada para Faerie — o reino das fadas. Tudo o que ela deseja é ser como estes seres perigosamente belos. Mesmo sabendo que eles desprezam mortais como ela. E ninguém despreza mais os humanos do que o príncipe Cardan, o filho mais novo, mais belo e mais cruel do Rei.

**Para conseguir um lugar na Corte,  
Jude tem de desafiar Cardan.**

Envolvendo-se na intriga política palaciana, Jude acaba por descobrir o seu próprio talento para derramar sangue. E quando o seu sonho está prestes a tornar-se realidade, ela será obrigada a fazer uma inesperada e perigosa aliança...



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)  
[secretsofthebutterfly](https://www.instagram.com/secretsofthebutterfly)  
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/secretsofthebutterfly)

ISBN 9789897879821



9 789897 879821 >

